

A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DA ARTE PARA ATENUAR A INDISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO

Margareth Carli¹

Introdução

Refletir sobre o ensino da Arte não é tarefa fácil, visto que esta disciplina lutou muito para conquistar seu espaço no contexto escolar. Seguindo esse raciocínio e, por entender que o papel da Arte é preparar para os novos modos de percepção e à construção de conhecimentos, é de suma relevância compreender como a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae pode influenciar no comportamento dos alunos nas aulas de Arte.

A partir do tema “A contribuição do ensino da Arte para atenuar a indisciplina no ensino médio” desenvolveu-se uma investigação para analisar: A partir do ensino da Arte utilizando a Abordagem Triangular, o aluno conseguirá assimilar a Arte como sendo um instrumento educacional para desenvolver seus saberes críticos e reflexivos? O professor de Arte está preparado para enfrentar o desafio da indisciplina no contexto escolar?

Nesses termos, o objetivo é identificar os principais fatores que envolvem a indisciplina no âmbito escolar, bem como, abordar as dificuldades enfrentadas pelo professor de Arte em sala de aula. Assim sendo, torna-se relevante abordar a relação professor *versus* aluno no processo ensino-aprendizagem, para ter entendimento do porque a indisciplina vem se apresentando de forma tão constante nas salas de aula do ensino médio, buscando com tal iniciativa, demonstrar a contribuição do ensino da Arte para amenizar a indisciplina nas salas de aula.

Utilizou-se como base metodológica para o desenvolvimento deste artigo, uma pesquisa bibliográfica, embasando-se em livros e artigos de autores envolvidos com o ensino da Arte, tais como, Barbosa, Freire, Rizzi; e, por estarem ligados na problemática da indisciplina no ambiente escolar, Aquino, Schimieguel e Schimieguel, Brito, Zagury, dentre outros também citados, não menos relevantes ao tema proposto.

O ensino da Arte voltado à Abordagem Triangular

A Arte no Brasil tem uma longa trajetória e, somente a partir de 1987, com o surgimento da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa, o ensino da Arte passou a ser visto com outros olhos. O foco dessa abordagem é o fazer artístico, analisar as obras artísticas e a história da Arte, sempre com destaque na Arte como conhecimento a ser desenvolvido na escola, não apenas pelo aluno, mas também aos professores (BARBOSA, 2012).

A proposta de Ana Mae aborda a construção de conhecimento em Arte, através da experimentação, da codificação e da informação. De acordo com Rizzi (2012, p. 73), tais conhecimentos envolvem “o modo de inter-relacionamento entre a Arte e o Público, propondo-se que a composição do programa do ensino de Arte seja elaborado a partir das três ações básicas que executamos quando nos relacionamos com a Arte: ler obras de arte, fazer arte e contextualizar”.

Ana Mae é uma defensora da Arte e, seguindo os ensinamentos Paulo Freire, sugere esta abordagem com o intuito de melhorar o ensino da Arte, “tendo por base um trabalho pedagógico integrador, em que o fazer artístico, a análise ou leitura de imagens e a contextualização

¹ Mestranda no Curso Ciencias de la Educación, da Universidad Autónoma de Asunción, Asunción, Paraguay, margarethcarli@yahoo.com.br.

interagem ao desenvolvimento crítico, reflexivo e dialógico do estudante” (SILVA; LAMPERT, 2017, p. 90).

Após tal entendimento, cita-se os três eixos que compõem a Abordagem Triangular, ressaltando que a partir destes, é possível construir os conhecimentos da Arte, quais sejam: o fazer artístico; a apreciação artística; e, a contextualização histórica. Verifica-se que esses elementos são complementares, porém não é necessário que ocorram em momentos separados e também, não precisa seguir uma ordem específica, pois saber ler uma obra de arte torna o aluno criativo, emotivo e reflexivo.

O primeiro eixo trata do “fazer Arte”, despertando a capacidade criadora, a flexibilidade, a fluência e a elaboração. Esses processos envolvidos na criatividade são mobilizados a partir do reconhecimento da obra de arte. Conforme Ana Mae, o desenvolvimento da criatividade se dá no ato do “deixar fazer”, a partir do “entendimento, da compreensão, da decodificação das múltiplas significações de uma obra de arte” (BARBOSA, 2014, p. 43).

O segundo eixo trabalha o desenvolvimento emocional, ou seja, a “apreciação artística”. Para Vigotski (1999, p. 24), “as emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade”. Na sala de aula, liberar as emoções é muito importante, porém, para ser efetivo, cabe a cada um refletir sobre elas. Neste caso, ao ler uma obra de Arte, o aluno passa a buscar novos conhecimentos, descobertas e questionamentos, despertando assim, sua capacidade crítica.

No terceiro eixo, a “contextualização”, trabalha-se o saber reflexivo, envolvendo ações que evidenciam através da reflexão, “os diferentes contextos da Arte: a história, a cultura, circunstâncias, história de vida, estilos e movimentos artísticos” (MACHADO, 2010, p. 66). Neste momento, o aluno conseguirá entender como a obra foi produzida e as relações contidas nessa produção.

Portanto, embora a Abordagem Triangular seja exposta de forma clara, ainda há percalços na aplicação desta proposta. Cabe ao professor de Arte estar atento e buscar atualizar-se para trabalhar de forma assertiva esta ferramenta tão expressiva no desempenho do ensino da Arte.

Principais fatores que envolvem a indisciplina no ambiente escolar

A indisciplina escolar conforme Brito (2018), é vista como um dos fatores de maior relevância na relação pedagógica. A inquietação dos alunos nas salas de aula é motivo de insatisfação dos professores, pois acabam prejudicando todo andamento das atividades planejadas, e como consequência, afeta o processo ensino-aprendizagem.

Na visão de Aquino (1994), a indisciplina é um dos obstáculos mais severos e críticos no ambiente escolar, visto que impede o progresso do ensino-aprendizagem, ultrapassando o âmbito didático-pedagógico.

É fato que a indisciplina é um tema muito difundido desde os primórdios dos tempos e não ocorre somente nas escolas públicas, pois as escolas privadas também sofrem com tais desordens, ou seja, a indisciplina está relacionada com valores e expectativas que variam ao longo dos tempos, tornando-se assim, perceptível no ambiente social.

Nesse contexto, abordar um tema envolvendo a indisciplina na sala de aula requer muito cuidado, pois abrange vários fatores, dentre eles, os de “ordem psicológica, por desmotivação do aluno diante do conteúdo didático e de ordem social, principalmente ao que se refere ao de origem familiar” (CAMPOS, 2013, p. 4).

Outro fator que merece atenção é a delimitação das funções do professor e os direitos do aluno, visto que os alunos costumam ouvir o professor quando assim achar importante, em contrapartida, o professor não tem como se sentir seguro em transmitir seus conhecimentos se

não for apoiado pelos alunos. É necessário que cada um conheça sua verdadeira função para que haja melhor entendimento e conseqüentemente, maior desempenho na aprendizagem. Para Zagury (2018), é necessário que sempre esteja claro que o professor é o mestre e não o contrário; a falta de respeito, seja do aluno para com seus colegas, seja do aluno para com o professor, ou até mesmo, com a instituição que lhe serve não deve ser aceito perante a sociedade como um todo.

É claro que embora haja toda uma preocupação com essa problemática, se o aluno não tiver uma base disciplinar construída em casa, certamente não terá o respeito, nem o cuidado de avaliar se o professor se esforçou ou estudou para preparar a aula, ele quer que o tempo passe rápido para ir embora, não se importando com a aprendizagem, nem dele, nem dos colegas que vem para escola para aprender.

Por isso, a relação professor-aluno deve ser aberta, com diálogo e respeito entre ambas as partes. Construir uma relação de respeito e confiança entre professor-aluno é o princípio básico para o bom desenvolvimento de qualquer aula. Sabe-se que educar num mundo contemporâneo não é tarefa fácil, entretanto, segundo Freire (1995, p. 2) “nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia”, por isso, a escola torna-se a base para formação das primeiras práticas sociais, visto que na maioria das vezes, o aluno somente mantém contato com a família.

A relação professor-aluno desde os primórdios sempre apresentou percalços e, agora na contemporaneidade, não será diferente. Conforme Zagury (2018, p. 50) “muitas das modernas linhas pedagógicas, que incentivam uma relação mais democrática entre docentes e alunos, foram mal compreendidas, distorcidas e mal aplicadas na prática, o que tornou também os professores inseguros quanto ao seu papel”. Assim sendo, para o bom entendimento em sala de aula, seria necessário um treinamento adequado aos professores, visto que o professor, além de educar, precisa entender as dificuldades dos alunos, observar os problemas emocionais e ajudar a superá-los.

Nesses casos, aplicar a Abordagem Triangular auxilia muito, pois desperta nos alunos a criatividade, a reflexão e o lado emocional, fazendo com que os alunos participem as aulas de forma voluntária. Por isso, é importante o envolvimento de todos neste processo. Segundo Pereira (2018, p. 14), esta relação tende a contribuir para “incentivar práticas de investigação, instigar e estimular questões de auxiliem a reflexão sobre o objeto”.

Na sala de aula de ensino médio, quanto melhor a interação entre professor e aluno, maiores serão as chances do ensino-aprendizagem serem efetivas. De acordo com Schimieguel e Schimieguel (2015, p. 87), o aluno estando interessado pela aula, “obterá melhores resultados de aprendizagem”, por isso, ao despertar a motivação, o professor terá chances para atingir seu objetivo, ou seja, a efetividade no processo educativo.

Por conseguinte, é necessário que este seja dotado de competências com caráter didático e relacional, pois precisa ir além das matérias que lhes são passadas na proposta curricular, necessitando constantemente de atualizações, “em busca de novos conhecimentos apropriados a serem repassados para seus alunos, modificando seus métodos de ensino para o que aluno venha a participar de suas aulas com interesse” (SANDRI, 2014, p. 5).

A Abordagem Triangular e sua contribuição na prática docente

Muitos são os obstáculos enfrentados com a indisciplina e os fatores que envolvem tal problemática, mas a Arte vem ganhando espaço no contexto escolar. A Abordagem Triangular oferece suporte para tal incentivo, pois influencia diretamente nas ações do professor, bem como, no comportamento dos alunos, propondo ações de criação, emoção e reflexão (BARBOSA, 2014). O objetivo é despertar nos alunos o partilhar, o interagir, o experimentar,

o interpretar e o amar. Só assim, as aulas de Arte terão a verdadeira efetividade do “aprender Arte”.

Cabe ao professor de Arte, principalmente do ensino médio, atuar sugerindo leituras, pesquisas, apontando caminhos para o desenvolvimento da criatividade, voltada ao auxílio dos alunos e, não atrapalhar o processo. Por isso, “as questões feitas aos alunos devem ser suficientemente desafiadoras para a continuidade do processo e cuidadosamente adequadas à faixa etária e ao nível de conhecimento” (PEREIRA, 2018, p. 14).

Desta forma, entender e administrar os conflitos gerados por emoções, torna-se instrumento fundamental para o docente em sala de aula, onde o comprometimento com o “ensinar” é a solução para o bom desenvolvimento, visto que, o aluno estabelece suas relações a partir dos ensinamentos repassados.

Ana Mae ao relatar a prática docente, explica que o docente tem a missão de favorecer o conhecimento dos alunos, por isso, precisa estar apto para produzir uma imagem, sendo capaz de ler uma imagem e seu contexto, uma vez que o desenvolvimento de uma ajudará no processo da outra (BARBOSA, 2012). Assim sendo, a Abordagem Triangular tem-se apresentado como um ponto de partida ao professor de Arte, pois sendo utilizada corretamente, poderá beneficiar e muito, tanto o professor quanto os alunos no dia a dia escolar.

Logo, a apreciação da Arte voltada à Abordagem Triangular atua “positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes por meio do conhecimento de arte que inclui a potencialização da recepção crítica e a produção” (BARBOSA, 2005, p. 98). Compreender esta abordagem é requisito básico para um professor de Arte, pois na falta deste, as aulas de Arte ficam sem criatividade, não transmitindo ao aluno o incentivo à reflexão.

Para efetivar tais ensinamentos, o professor precisa mobilizar esses saberes para conseguir estabelecer um contato mais sensível com os alunos, podendo ocorrer através de leituras, aprimorando o olhar, o ouvir e o corpo.

Observando sob este ângulo, a Abordagem Triangular contribui muito nas aulas de Arte, visto que dá liberdade ao professor formular suas próprias perguntas, que por sua vez, poderá traduzir em conteúdos e procedimentos. Logo, o planejamento enquanto concepção torna-se um aditivo das relações entre o “aprender fazendo” e o “lendo e contextualizando” a Arte (SILVA; LAMPERT, 2017).

Por fim, Ana Mae contribuiu e continua contribuindo no trabalho dos professores, conduzindo posicionamentos mais claros sobre a história do ensino da Arte, objetivando de que todos envolvidos no processo ensino-aprendizagem percebam as realidades pessoais e sociais, conseguindo lidar com elas de forma mais crítica e reflexiva.

Com tais iniciativas, o desafio dos professores é conquistar a turma, fazê-la produzir conforme o previsto no planejamento, criando condições para todos os alunos participarem efetivamente dos conteúdos propostos, reduzindo a indisciplina, tornando-os mais tranquilos, produzindo mais, não somente na disciplina de Arte, mas em todas as disciplinas do currículo escolar.

Palavras-chave: Ensino da Arte, criatividade, reflexão, abordagem triangular, indisciplina.

Considerações Finais

Verificou-se que o ensino da Arte utilizando a Abordagem Triangular melhora o comportamento dos alunos, visto que, se trabalhada de forma assertiva, contribui no desenvolvimento crítico, reflexivo e emocional do aluno.

Observou-se a partir dos ensinamentos de Ana Mae, que trabalhando os três eixos da Abordagem Triangular é possível pensar no ensino da Arte como sendo um recurso de extrema

relevância, uma vez que a formulação desta, é trabalhar Arte de forma contextual, pautada na criatividade, na emoção e na reflexão.

Tal observação se comprova pois o principal objetivo dessa abordagem é desenvolver a criatividade e a reflexão dos alunos, ou seja, desenvolver o fazer artístico, a análise das obras artísticas e a história da Arte, sempre com destaque na Arte como conhecimento. Por isso, ao aplicar esta proposta, o professor de Arte poderá criar aulas mais atrativas, onde haja interação entre a turma, com isso, amenizando a indisciplina no contexto escolar.

Entretanto, cabe ao professor aplicar seus conhecimentos através de aulas expositivas, podendo assim, contribuir para que os alunos assimilem a Arte como instrumento educacional. Só então, será comprovada a contribuição do ensino da Arte nas práticas docentes.

E por fim, analisando os aspectos abordados, conclui-se que o ambiente escolar, apesar de todos os problemas enfrentados, ainda representa ser o espaço mais apropriado para formar um cidadão crítico e preparado para a vida, uma vez que proporciona conhecimentos embasados em princípios éticos e morais. O professor é peça chave nesse quebra-cabeça.

Referências

AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1994.

BARBOSA, A.M. **Arte-educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, A.M. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, A.M. **A imagem no ensino da arte**: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRITO, C. **Indisciplina escolar**: antigo problema, novas discussões. Rio de Janeiro: Wak, 2018.

CAMPOS, M.A. A indisciplina no âmbito escolar: reflexões teóricas e metodológicas para organização do trabalho pedagógico. In: PARANÁ. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**: produções didático pedagógicas. Curitiba: SEED-PR, 2013. V. II. ISBN 978-85-8015-075-9.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

MACHADO, R.S. Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular. In: BARBOSA, A.M.; CUNHA, F.P. (Orgs.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. Cap. 4. p. 64-79.

PEREIRA, K.H. **Como usar artes visuais na sala de aula**. 2. ed. 4ª reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

SCHIMIEGUEL, O.; SCHIMIEGUEL, H. **Indisciplina e impunidade na escola**: por que os professores estão adoecendo e os alunos não estão aprendendo. Blumenau: Nova Letra, 2015.

RIZZI, M.C.S. Caminhos metodológicos. In: Barbosa, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. Cap. 5. p. 69-77.

SANDRI, C.L. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2014.

SILVA, T.G.; LAMPERT, J. Reflexões sobre a abordagem triangular no ensino básico de artes visuais no contexto brasileiro. **Revista Matéria-Prima**, v. 5, n. 1, p. 88-95, 2017.

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZAGURY, T. **Pensando educação (com os pés no chão)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bicicleta Amarela, 2018.